



O ESTIGMA E A VIVÊNCIA DE CASAIS COM DEFICIÊNCIA

AMANDA ABDO P. OLIVEIRA¹; EDUARDA BARROS CAETANO²; FERNANDA VIANA SIQUEIRA¹; LARISSA A. VILLAÇA¹; MARIA AUXILIADORA TAVARES PETRUCCI¹; SCHELLA ROCHA FERREIRA³; PATRICK WAGNER DE AZEVEDO³

(1) Aluna de Iniciação Científica do PIBIC/ISECENSA – Curso de Psicologia; (2) Bolsista PIBIC/CNPQ – Curso de Psicologia ; (3) Pesquisadores Colaboradores - Laboratório de Estudos em Processos de Estigmatização –LEPE/ISECENSA; (4) Pesquisador Orientador - Laboratório de Estudos em Processos de Estigmatização –LEPE /ISECENSA – Curso de Psicologia - Institutos Superiores de Ensino do CENSA – ISECENSA, Rua Salvador Correa, 139, Centro, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil

O discurso atravessa a todos de forma a moldar nosso modo de ser no mundo. Com relação à deficiência, pode-se observar a construção histórica de um discurso fundado em ideias que provocam sentimentos e comportamentos de incapacidade, exclusão e estigmatização. Marginalizados, socialmente, esses discursos despotencializam os deficientes, pois tentam retirar dos mesmos toda e qualquer possibilidade de fazer escolhas que possibilitem conduzir a sua própria vida. Os objetivos do presente trabalho são: a) compreender como os discursos sobre deficiência, gênero e estigma promovem diálogos entre si, na vida conjugal dos deficientes, de forma a produzir modos de ser no mundo e processos de estigmatização; b) investigar como os discursos fundamentam a cognição dos deficientes sobre o seu mundo; c) compreender como se dá a vivência dos casais, quando os dois são deficientes, ou quando apenas um é, a partir do atravessamento dos discursos. A metodologia foi qualitativa, entrevistas semi-abertas, tendo sido adotado o método fenomenológico, onde o que importa, é como os sujeitos da pesquisa percebiam o que lhes acontecia, bem como a cartografia, onde tudo que foi vivenciado no campo, mereceu um olhar reflexivo. Por fim, a revisão sistemática de leitura. A pesquisa demonstrou que as pessoas ainda permanecem imersas, socialmente, em preconceitos, falta de informação, estranhamento e ausência de diálogo. Os discursos que atravessam o nosso mundo, ainda constituem o deficiente como incapaz e inferiorizado, mas ao estar com esses casais pôde-se encontrar pessoas corajosas que lutam pelos seus sonhos, que amam, são solidárias, criam seus filhos e enfrentam os desafios que a vida nos opõe com força e de cabeça erguida. Sendo importante salientar que, em muitos momentos, a desconstrução do estereótipo está na relação com os membros de sua própria família. A esse respeito, veja-se o que disse Luz sobre sua filha não deficiente: “quando vai buscar ela na escola, ela fica com vergonha da mãe surda”.

Palavras-chave: família, fenomenologia, estigma, deficiência.

Instituição de fomento: PIBIC/ISECENSA.